

# PONTO CRÍTICO

## EDUCAÇÃO

*A escola particular ensina melhor que a escola pública?*

\* 4 MAR 1997

SIM

CORREIO BRAZILIENSE

NÃO

## QUALIDADE SEM EXCLUSÃO

Izalci Lucas Ferreira

Ilustração: Servio Costa



Responsável pela formação da maioria esmagadora dos jovens que ingressam e concluem o curso universitário, a escola particular de 1º e 2º Graus atingiu e consolidou a posição de principal instituição educacional brasileira. Essa conquista se deu pela oferta de ensino de qualidade ao aluno, seu cliente e razão de ser, associada à disseminação dos valores mais importantes ao desenvolvimento e à consolidação da cidadania.

Quando o setor público comemora, com insistência, que Brasília tem o melhor ensino do país, alguns esclarecimentos se impõem: 1) O levantamento que revelou o fato aferiu, sem distinção, escola pública e particular; 2) Nossa escola privada, por extensão, é a melhor do Brasil; 3) Evidenciado o padrão lastimável do ensino oficial nos estados, faz pouca diferença estar acima dele.

Em vez de comparações inócuas, é preciso enfatizar que o caráter público ou privado de uma escola não é garantia suficiente de compromisso e competência no desenvolvimento da missão de educar, sobretudo num mundo globalizado que se pauta por referenciais cada vez mais exigentes de eficiência e competitividade. Educação é um bem público que só tende a ser cada vez mais determinante na composição da riqueza nacional.

A capacitação exigida só se tornará viável com o aproveitamento da

experiência da escola particular, há anos fundamentado em aperfeiçoamento permanente e gestão profissional. O setor privado tem capacidade de oferecer ensino melhor, a muitos alunos, a custos inferiores aos da rede estatal.

*É urgente que o governo ofereça, às famílias, um cheque-educação para que elas, no exercício de sua liberdade de escolha e de posse de um recurso que é seu de pleno direito, defina onde matricular seu filho.*

Mais importante do que contar quantos escolheram determinada escola é criar um clima de competição saudável, no qual quem tem tudo a ganhar é o cidadão, em particular, e a sociedade como um todo. Não faz diferença se a escolha recair numa instituição privada ou estatal. Qualidade é o que importa.

No limiar do 3º milênio, as transformações nunca foram tão rápidas. Previsões da Sociedade Mundial para o Futuro (WFS) apontam que, até 2030, o Brasil será o 11º país mais competitivo do mundo.

Entre hoje e 2020 o mundo produzirá dez vezes mais mudanças do que entre 1980 e 1995. Atualmente, a massa de conhecimento dobra a cada dois anos. Nos próximos dez ou 15 anos, dobrará a cada 80 dias.

Com menos de dez anos de escola, ninguém conseguirá emprego nem de porteiro, porque as fechaduras serão digitais. Portanto, democratizar a educação é matéria para ser discutida já, contemplando soluções realistas e imbuídas de espírito público.

■ Professor, presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal (Sinepe/DF) e diretor de Legislação e Normas da Federação Interestadual das Escolas Particulares (Fiep)

Jairo Luis Brod

*“Uma árvore ensina, um livro ensina e educa, mas só o ser humano pode ensinar, educar e formar” (Diderot, um dos enciclopedistas franceses)*

A diferença básica entre ensinar, educar e formar reside no fato de que o ato de ensinar é um fim em si mesmo, como um receptáculo vazio que se preenchesse e ficasse imobilizado em cima de uma mesa; educar é mover a botija com água, oferecê-la aos circunstantes sedentos e só depois sorver-lhe o conteúdo; formar, por fim, é partir em busca da fonte e perenizar o seu uso a toda a comunidade. Formar é a função precípua da escola pública: formar indivíduos com espírito socializante, dentro de um ambiente socializador, plural, democrático. O indivíduo ensinado se esgota em si, o educado a um grupo circunstancial, o formado a toda a sociedade.

Nesse sentido, quem ensina melhor é a escola particular, conteudista, transmissiva, repassadora de informações. Ainda assim, nesse aspecto, pairam algumas dúvidas sobre essa hegemonia, haja vista os recentíssimos casos do Distrito Federal e de Minas Gerais que, numa avaliação recente feita pelo MEC quanto às habilidades básicas do educando no ensino fundamental (português e matemática), obtiveram uma honrosa aprovação de

suas escolas públicas e gratuitas. Em outra avaliação, externa e também insuspeita, efetuada na educação pública e privada da capital paulistana, constatou-se que ambas são parelhas e que, em algumas áreas, a pública bate de goleada.

Essa mesma pesquisa de São Paulo revelou um fato no mínimo surpreendente: a escola pública é visivelmente melhor onde é boa a qualidade das relações escola x família. É surpreendente essa constatação se considerarmos que, à primeira vista, o maior fator de influência para um resultado positivo da avaliação deveria estar vinculado à boa formação dos professores, a um espaço físico adequado, a uma direção férrea e, sobretudo, a bons ordenados mensais. Não! O fator predominante é a boa relação da escola com a comunidade escolar!, que faz com que o corpo docente sinta-se valorizado e a família com ganas de querer colaborar ainda mais com a educação de seus filhos. Isso vem acontecendo no Distrito Federal, sobretudo de dois anos para cá. Em alguns estabelecimentos, com mais vigor e, em outros, ainda em fase de maturação.

Ah! mas como eu estava falando, a boa escola pública forma o cidadão holístico, global, o estadista preocupado com seu bairro e com o mundo, pois ela sabe que a interligação planetária é inevitável, e o que acontece a um chinês pode repercutir instantaneamente em nós, candangos.

Outro quesito que pesa favoravelmente em prol da escola pública é a atual gestão partilhada de seus destinos, notadamente em terras brasilienses, mineiras, gaúchas e paranaenses. Os pais, os alunos, os professores, os servidores administrativos e pedagógicos, e sobretudo ainda a diretora, até que esse bom hábito se desenvolva, estamos todos descobrindo as maravilhas e a tremenda responsabilidade de se administrar coletivamente um estabelecimento de ensino. Para quem assume esse compromisso, é de perder o sono, a começar pelo pai, igualzinho eu, que se atreve e vivenciar como agente e não mero expectador (-com x mesmo!) os agitos de um dia dentro dos muros da escola. Mas é gratificante! A criança te reconhece, as mães te cumprimentam, a professora agradece, a escola regurgita vida e entusiasmo!

Enfim, a escola pública é um samba-enredo a desenvolver, de potencial criativo inesgotável, e é nisso que reside seu maior trunfo: ela está em permanente construção, arejada e flexível, seu limite é o céu e não a boca do caixa, sua cartilha é a vida que pulsa em cada coração e mente. E é onde as relações são francas e diretas, prescindindo do relacionamento enviezado com a sociedade, via Código de Defesa do Consumidor.

■ Professor Jairo Luis Brod é pai da Laura e da Helga, de 11 e 13 anos, ambas alunas do Centro de Ensino 08 de Taguatinga